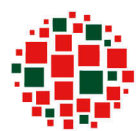


Esta edição teve o apoio da



COOPERAÇÃO
PORTUGUESA

Edições
uniç

MEMÓRIAS DO LICEU DA PRAIA

Organizadores | MARIA ADRIANA SOUSA CARVALHO
LOURENÇO GOMES



MEMÓRIAS DO LICEU DA PRAIA

Organizadores

MARIA ADRIANA SOUSA CARVALHO & LOURENÇO GOMES

Colecção Memória & Património

Edições
uniç

Maria Adriana Sousa Carvalho e Lourenço Gomes
(ORGANIZADORES)

Memórias do Liceu da Praia

Autores:

Ana Cristina Pires Ferreira
Ana Maria de Almeida Domingos
Hermínia Curado Ferreira
José Carlos dos Anjos
José Silva Évora
Lourenço Gomes
Maria Adriana Sousa Carvalho
Maria Cândida Gonçalves

Edições Uni-CV
Cidade da Praia
2013

Índice

Agradecimentos	9
-----------------------------	---

Prefácio

<i>Jorge Carlos Fonseca</i>	11
-----------------------------------	----

Nota de apresentação

<i>Maria Adriana Sousa Carvalho e Lourenço Gomes</i>	15
--	----

I – O LICEU NASCE COM A CIDADE

1 - Praia de Santiago [2ª metade do século XIX] <i>José Silva Évora</i>	23
2 - O primeiro e efémero liceu da Praia [1860-62] <i>Hermínia Curado Ferreira</i>	37
3 - O liceu continua a ser uma aspiração dos Praienses [finais do século XIX, 1ª metade do século XX] <i>Maria Adriana Sousa Carvalho</i>	47

II – OUTROS TEMPOS, OUTRAS VONTADES

1 – A cidade da Praia [meados do século XX] <i>Lourenço Gomes</i>	59
2 – O Liceu Gil Eanes de Mindelo expande-se para a Praia [anos 50 do século XX] <i>Maria Adriana Sousa Carvalho</i>	73
2.1 – Estudar na Praia, fazer exames em Mindelo	73
2.2 – A Secção do Liceu Gil Eanes na Praia	85
3 – Uma professora exemplar <i>Maria Cândida Gonçalves</i>	129

III – O LICEU DA PRAIA

1 - Dimensão estética da obra arquitectónica e largo envolvente <i>Lourenço Gomes</i>	157
--	-----

2 - O liceu na imprensa e a imprensa do liceu	
<i>Maria Adriana Sousa Carvalho</i>	177
2.1 - O liceu na imprensa [1955-1974]	177
2.2 - A imprensa do Liceu Adriano Moreira [1965-1967]	219
3 - Equipamentos e materiais didácticos: um legado a preservar	
<i>Maria Adriana Sousa Carvalho</i>	233
4 - Testemunhos de antigos alunos: da memória individual à colectiva	
<i>Ana Cristina Pires Ferreira e Ana Maria de Almeida Domingos</i>	247
5 - O liceu da Praia e o nascimento improvável de uma nação africana	
<i>José Carlos dos Anjos</i>	267
Autores	283

Prefácio

O convite para a organização do presente prefácio surgiu como a oportunidade, um bom motivo, para a descoberta mais minuciosa e académica do panorama histórico e social que envolveu a criação do Liceu Nacional da Praia, pouco tempo depois, «Liceu Adriano Moreira» e, a partir dela, reviver episódios que fazem dele, do Liceu da Praia, para nós, muito além de um objecto de interesse meramente formal ou de estudo. Simplesmente, **o Liceu. Sim, porque, para muitos de nós, o Liceu da Praia constitui pedaços vastos e ricos de nossa vida.**

Somando a percepção do interesse da obra ao gosto motivado pela *viagem no tempo* a um espaço que nos é, pessoalmente, muito querido, o convite não poderia ser senão imediatamente aceite.

A obra que ora se dá a lume, com afluência de minudências, faz uma viagem à pré-memória ou às memórias íntimas e fundas que nos dão conta das peripécias, inúmeras, por que passou a ideia da criação do Liceu da Praia até à sua concretização e, certamente, vem fortalecer o indispensável conhecimento, dos estudantes, investigadores e *curiosos* acerca de dinâmicas históricas e sócio-educativas da cidade capital.

Sabe-se que a dotação da Capital da Colónia com uma infra-estrutura de formação ao nível do ensino secundário, a acompanhar o dinamismo cultural da recente cidade, foi uma aspiração e uma necessidade exprimidas desde muito cedo pelos seus cidadãos, mas que demorou algum tempo a se concretizar; tempo que encerra seus custos, conquanto nem sempre contabilizáveis. Que o futuro de muitos jovens poderia ter sido outro, que os movimentos sociais poderiam ter conseguido, mais cedo, lideranças mais esclarecidas e que os movimentos sócio-políticos poderiam ter sido mais vigorosos, são algumas das possíveis e compreensíveis suposições que nos autorizamos a fazer.

Contudo, não obstante as circunstâncias precedentes e as discontinuidades havidas no propósito de dotar a cidade da Praia de um liceu, - relacionadas a um combinado de razões que será objecto de exame dos colaboradores da presente edição -, a construção do Liceu Nacional da Praia nos anos de 1960 vem satisfazer os anseios e ocupar as medidas dos praienses e de todos os pais e encarregados de educação.

O “Liceu”, que é qualquer coisa mais do que uma simples Escola Secundária, estimulou o sucesso dos pais e encarregados de educação da Praia e da ilha de Santiago e das ilhas vizinhas e mexeu com a auto-estima do santiaguense; não apenas pelo facto de ter sido, durante muito tempo, o único estabelecimento de ensino secundário de Santiago e redondezas, nem só pelo facto de ter sido edifício mais emblemático da Capital da Colónia, o Liceu Nacional era o centro do saber, por excelência, e lugar onde filhos de colonos e de autóctones confraternizavam, onde ser aceite significava ter-se provado, ter as aptidões necessárias e, para muito boa gente, em boa medida gente humilde, era o prenúncio de uma nova vida, com os pés protegidos por... sapatos.

Desde logo, pela possibilidade de os jovens prolongarem seus estudos para além do 1º e 2º graus. Depois, porque a cidade recebeu um belíssimo edifício, muito bem equipado para a época e que levou tanto tempo a fazer quanto os brasileiros, sob a autoridade de Juscelino Kubitschek de Oliveira, levaram a construir a nova e geométrica Capital – Brasília.

Não contávamos com arquitectos como Licínio Cruz e o jovem Óscar Niemeyer, mas tínhamos o projectista Luís Mello, o engenheiro Tito Esteves e os mestres Armando Barros, Tito Barros e Manuel ‘Nené d’Antão’ Fortes e beneficiávamos de trabalhadores que se entregaram de corpo e alma à acção para nos deixarem as marmorites que fazem do Liceu, mais do que um simples espaço de estudo, uma obra de referência da cidade. São da mesma época, e da mesma cepa, o Palácio da Justiça e a Aerogare do Aeroporto da Praia. Na hora de reviver as memórias da Escola, preste-se também homenagem aos obreiros da infra-estrutura que tão bem preencheu a Achada Monteagarro.

Foi a realização de um sonho tão velho quanto o tempo. Contra ventos e marés, ultrapassando preconceitos, tinha-se feito justiça aos habitantes da ilha maior e da capital. Não mais ter de deixar filhos, adolescentes ainda, sair directamente de Santa Catarina para Mindelo; não mais ter de decidir qual filho iria estudar; não mais ter de suspender a participação na formação da personalidade e na vida do filho porque este tinha de sair de casa para poder fazer o curso secundário. Podia-se, ENTÃO - não sem algum sacrifício, é certo - propiciar educação aos filhos que quisessem e pudessem fazer o liceu; podia-se conhecer os professores dos filhos; já se podia acompanhar a evolução dos rapazes e raparigas; já se podia ir à reunião de pais e encarregados de educação. É um cenário novo que surge e são possibilidades que se inauguram!

Os frutos do Liceu são múltiplos, imensos na sua riqueza e diversidade. Por exemplo, é no LNAM que nascem algumas lideranças que mais tarde encabeçariam os movimentos sociais e políticos que culminaram com a implantação da II República, a da democracia e do Estado constitucional, sem esquecer a geração de alguns jovens que ainda puderam dar a sua contribuição para a independência nacional, nomeadamente nas frentes da clandestinidade em Santiago e em Portugal, sobretudo.

Mas também é mister a referência aos jovens de então que se tornaram figuras de relevo na vida cultural e social do arquipélago, de poetas e escritores a engenheiros, advogados ou arquitectos e economistas.

Mas falar de memórias do LNAM é falar também da Micá – Associação Académica da Praia, agremiação surgida com o Liceu e que logo se notabilizou com uma das mais soberbas formações de futebol amador que Cabo Verde já teve, sob o impulso de Moacyr (e outros), então jovem professor liceal. Pensar no LNAM é também recuar aos meus ainda dez anos de idade, à espera de fazer os onze, e inaugurar o liceu onde passei sete anos de minha vida de adolescente e jovem em aulas e estudos mitigados com partidas de futebol «trás di liceu» (onde, curiosamente, me surgiu o «nominho» que até hoje trago pendurado), quando a Manito não passasse uma birra qualquer, em primeiros ensaios amorosos, quantas vezes com a cumplicidade amiga dos contínuos, em sabatinas nos intervalos deliciosos para ajustes de paixões, de estórias mais ou menos clandestinas, para o «pique» ou o «pisca-pisca», ou, claro, para a corrida aos saborosíssimos mas selectivos bolos da «Dona Fimá», vendidos pela desaforada mas simpática Filó, ou em ensaios e representação de peças de teatro organizados pelo professor Mário Santos.

Falar deste Liceu é falar de afectos, de estórias muitas, de memórias. De amores, de paixões, de amizades, sucessos, experiências, irreverências... Lembrar alunos brilhantes ou muito bons que por ele passaram como «Zequinha di Nha Laura» (veio a ser, mais tarde, conhecido mais como «Zeca Santos»), mais velho e mais adiantado do que eu uns anos, Hédi Fonseca (irmã minha, um pouco mais velha, mas sempre no mesmo ano do que eu), mais tarde as irmãs Georgina e Viviana Melo, Tolanta, Alda e Odete Macedo, sem esquecer Carlos Veiga, Júlio e Toge Lobo, Carlos Silva, Baltazar, o Djoí, o José Tomás e muitos outros. Recordar professores que nos marcaram de uma forma ou outra, por uma razão ou outra, pela simpatia, pela competência pedagógica – na medida, seguramente muito pouco objectiva, tirada por adolescentes e jovens –, pela relativa cumplicidade com os nossos interesses, a nossa postura e o nosso modo de afirmação, ou, ainda, pela excentricidade do comportamento ou maior ou menor rigor em sede de disciplina. Gabriela Mariano, Luísa Ribeiro, o inefável e exótico Jorge Roldão (que fazia passeios nocturnos ao largo do liceu apenas com camisola interior, o que lhe valera arrelia grossa com a exigente reitora Luísa Ribeiro), o casal Baltasar Barros e Sá e Fogaça, Mafalda Barreto, arquitecto Pedro Gregório, Irene Rodrigues, Olavo Moniz, Jorge Monteiro, do Canto Coral, «Senhor Barreto», no latim e com as suas famosas «chamadas à pedra», Fernanda Marques, Carlinhos Ribeiro, da Educação Física, um paciente apaixonado pelo desporto e pela juventude, Corsino Fortes e o seu apelo constante à poesia e patrocinador de jogatanas de futebol fora do espaço da escola, Imelda Godinho, Arnaldo França, Moacyr Rodrigues, Mário Santos, de quem se dizia ser exilado político, mas bom professor de história e dinâmico a fomentar e organizar realizações teatrais que fizeram sucesso na época, por vezes

impetuoso na imputação de «português di Tchadinha», Viriato Barros, Albano e Teresa Estrela, já no meu final do liceu, ou ainda a memória já longínqua de Marques de Oliveira ou Cunha Leal. E tantos outros...

Gerações e gerações de estudantes conheceram, conviveram, e deram dor de cabeça aos senhores Osvaldo, Domingos, Armando, Chiquinho, Vicente, contínuos do Liceu, amiúde funcionando como educadores, quando não cúmplices de traquinices muitas, incluindo namoros escondidos ou protegidos em recantos de salas desocupadas de aulas ou de corredores mais ou menos desertos a certas horas.

Quem, do nosso tempo, não se lembra ainda dos acampamentos em S. Jorge, oportunidade rara de sair e dormir fora de casa, fazer convívios mais horizontalizados socialmente e experimentar coisas mais ou menos proibidas? Ou das renhidas e por vezes duríssimas disputas Praia - S. Vicente em diversas modalidades desportivas, as festas de finalistas organizadas com pompa e circunstância, com os pais a vigiarem de perto movimentações menos ortodoxas das filhas ou ainda o respeito que mereciam, dos colegas e da sociedade praiense, os integrantes do «quadro de honra»?

É também falar das equipas de sonho de andebol, de futebol de salão que lá nasceram e medraram do início da década de 60 à década de 70. Como me lembro das actividades paralelas da JEC (Juventude Escolar Católica), com o Padre José Gonçalves(?)... , os «retiros» no Seminário S. José e a equipa de futebol, com o Djoí, o Maitá, o Óscar, o Odílio, o José Tomás, o Victor, o José Aires... Enfim, uma viagem às memórias do LNAM é o desfiar de um rosário de lembranças de sucessos que nunca chegariam se o liceu não tivesse acontecido.

Quero, outrossim, aqui render justa homenagem aos cidadãos Bento Benoliel Levy, João Modesto e a uns tantos anónimos, pelo tanto que se bateram para que o Liceu da Praia fosse uma realidade na altura em que o foi.

Acabei por não fazer, em rigor, o prefácio da obra, mas, a pretexto dele, revisitar salas, corredores, pátios, espaços de memória e de rostos e estórias. Mas a obra fala por si.

Que a leitura de «**MEMÓRIAS DO LICEU DA PRAIA**», em boa hora organizadas pelos doutores Adriana Beirão de Carvalho e Lourenço Gomes, seja uma oportunidade para o revisitar de um templo, de um tempo e de um espaço, onde muitas histórias, pessoais e da colectividade, conheceram o seu início.

Praia, Fevereiro de 2013

Jorge Carlos de Almeida Fonseca

Antigo aluno do Liceu Adriano Moreira

Presidente da República de Cabo Verde

Nota de apresentação

A presente obra reconstitui e desvenda as memórias do Liceu da Praia, numa perspectiva histórica e reflexão marcadamente sociológica. É o produto de um laborioso trabalho de investigação científica levado a cabo por um grupo de docentes da Universidade de Cabo Verde, ao qual se associou um historiador e técnico do Arquivo Histórico Nacional e uma prestigiada escritora e professora do ensino secundário. O empenho dos vários autores uniu-se em torno do propósito da fixação da memória de experiências passadas, em contexto de uma vivência comum retractando, inclusivamente, a história da vida estudantil e o percurso profissional na docência de alguns dos elementos do grupo de investigação.

Resultado de processos paralelos de investigação científica, os textos que integram as Memórias do Liceu da Praia, repousam na construção teórica educacional contemporânea. Representam um esforço heurístico, que se reflecte num olhar multidisciplinar sobre a história da educação em Cabo Verde e na aplicação de adequadas metodologias de pesquisa, com recurso a monumentos (iconografia), a documentos escritos, a palavras (etnotextos) e até a gestos (captados nas fotografias de alunos e professores).

Destaca-se a ampla polissemia da palavra “memória”, patente no título do livro e nas metodologias utilizadas, numa tensão permanente entre a memória individual e colectiva, plasmada, esta, no discurso escrito por representantes do poder colonial e diluída nas lembranças (auto-percepções) dos que aprenderam e ensinaram no Liceu da Praia. As memórias individuais¹ de antigos alunos e professores permitem-nos aceder “a diversos tipos de realidade: a que tem origem nos factos e a que nasce dos sentimentos e emoções que conformam as lembranças” (Viñao Frago, 1999²). A exaltação da função docente, através da acção educativa de uma professora para-

¹Consultar o texto de Ana Cristina Pires Ferreira e Ana Maria Almeida Domingos.

²Viñao Frago, Antonio (1999), “Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos”. Citado em Rodrigues, Carla Marisa & Vicentoni, Paula Perin (2004). *Memórias de sala de aula: uma análise de autobiografias de professores*. Cadernos Prestige 22. Lisboa: Educa.

digmática³, incorpora a memória colectiva e remete-nos ao conceito *gramsciano* do professor, “um intelectual orgânico da sociedade civil”⁴.

A primeira parte do livro intitulada “O liceu nasce com a cidade” situa-nos no contexto histórico da Praia de Santiago [2ª metade do século XIX], da autoria de **José Silva Évora** que, em breves apontamentos sobre a Praia, revisita o burgo que se transforma em cidade. O autor apresenta uma disposição analítica e cronológica dos dados históricos considerados de maior relevância nos primeiros anos após a ascensão à categoria de cidade, altura em que, entre outras instituições importantes, foi criado o Liceu Nacional da Província de Cabo Verde. A história da vila / cidade revela os problemas de saneamento, de abastecimento de água, de gestão urbanística, que – como diz José Évora – acompanharam o percurso da cidade até ao presente.

A história do liceu começa com um texto de **Hermínia Curado Ferreira** que nos apresenta, com base em fontes documentais, “O primeiro e efémero liceu da Praia”. A autora mostra que o ensino secundário em Cabo Verde teve o seu início em 1860, ainda que de uma forma muito tímida. O Liceu Nacional desta Cidade e Província entrou em crise à nascença, por dificuldades financeiras que provocaram a demissão dos professores, alguns dos quais viriam a leccionar no Seminário-Liceu, fundado em S. Nicolau no ano de 1866. Numa ponte passado-presente, Hermínia Curado Ferreira lembra que os Paços do Concelho da Praia, que acolheram o primeiro liceu, cento e quinze anos mais tarde viriam a acolher a 1ª e 2ª sessões legislativas do país independente (4 e 5 Julho de 1975).

Face ao desencanto com o efémero liceu, os cidadãos da Praia persistem na procura de um estabelecimento de ensino secundário. As trajectórias da cidadania são reconstituídas por **Maria Adriana Sousa Carvalho** no texto “O liceu continua a ser uma aspiração dos Praienses”. O fio condutor da narrativa está presente nos documentos de arquivo, que revelam as petições e outras tentativas de organização de uma escola de ensino secundário na Praia, no último quartel do século XIX. Testemunham que, em 1907, por ocasião da visita à colónia do príncipe Dom Luís Filipe, simbolicamente, as crianças da Praia pediram a criação de um liceu, acrescentando “que um paiz vale o que vale a sua instrução”. Outras diligências não faltaram nos anos subsequentes, como a organização de cursos de explicações particulares, sendo de destacar, o Colégio-Liceu Serpa Pinto, criado em 1933 e que, no ano seguinte, entrou em decadência com uma perda considerável de alunos. Mais uma vez foram fechadas as portas ao ensino secundário na capital da colónia.

³ Consultar o texto de Maria Cândida Gonçalves.

⁴ Expressão de Rogério Fernandes. In Felgueiras, Margarida Louro & Menezes, Maria Cristina (2004). *Rogério Fernandes: Questionar a sociedade, interrogar a história, (re) pensar a educação*. Lisboa: Edições Afrontamento.

A segunda parte desta obra colectiva reporta-nos a “Outros tempos, outras vontades”. Estamos em pleno século vinte e **Lourenço Gomes** descreve “A cidade da Praia” em meados do século XX. Situa-nos num outro contexto, em meados da centúria e deixa perceber que a urbe ainda se identificava com o pequeno planalto que correspondeu, durante muito tempo, ao povoado, à vila e à cidade, delimitada por barreiras naturais, com os bairros nos arredores a se revelarem em estruturação. Por essa altura, a urbanização da cidade e a definitiva instalação do Liceu Nacional foram apenas uma face da dinâmica da urbe. Os diversos eixos urbanos (ruas e largos) apresentavam-se asseados e bem pavimentados. Eram circundados ou ladeados por imponentes edifícios, alguns dos quais em construção. Paralelamente ao crescimento da urbe, afirmou-se na Cidade da Praia, um refinado gosto estético, a evidenciar-se, principalmente, nos diversos largos e praças. Havia uma dinâmica cultural e uma vida económica, impulsionada esta última, essencialmente, pelo comércio e pela actividade portuária.

Maria Adriana Sousa Carvalho prossegue a narrativa histórica, com o texto “O Liceu Gil Eanes de Mindelo expande-se para a Praia [anos 50 do século XX]”. Documenta a saga das famílias da cidade e da ilha de Santiago, que estudavam na Praia e tinham de fazer os exames em Mindelo, onde ficava o único estabelecimento de ensino secundário do arquipélago, o Liceu Gil Eanes. Graça à vontade cívica organizada, em 1955, foi instalada na cidade da Praia uma Secção do Liceu Gil Eanes, por decreto de 22 de Junho, sendo inaugurada no dia 15 de Outubro deste ano. Apesar da precariedade do prédio da Casa *Serbam*, na antiga rua Sá da Bandeira, onde foi instalada, iniciou com 219 alunos. Entre os professores, salientam-se os nomes de Arnaldo França e Alfredo de Carvalho Veiga, que tinham sido prestigiados explicadores de muitos jovens da cidade.

O texto “**Uma professora exemplar**” constitui uma homenagem e um tributo de uma ex-aluna, **Maria Cândida Gonçalves** a uma sua antiga professora, a Dra. Maria Luísa Tavares e Sousa Blanqui, que teve uma passagem efémera pela Secção do Liceu Gil Eanes na Praia, mas cujo impacto no desenvolvimento de valores éticos e de cidadania nos seus formandos foi incomensurável. A análise dos valores demonstrados na actuação da docente é feita com um enquadramento teórico pertinente que destaca as competências profissionais de um professor de línguas, a evolução da metodologia de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira bem como a preocupação recente das autoridades educativas nacionais para com a necessidade de desenvolvimento de competências, no actual contexto educacional em Cabo Verde.

“Dimensão estética da obra arquitectónica do liceu e largo envolvente” é o título do artigo de **Lourenço Gomes**, que inicia a terceira e última parte do livro. Foi o ensejo encontrado para ser realçada a beleza arquitectónica do edifício que albergou o tão esperado liceu da cidade. Situado na extremidade norte do *Plateau* (Centro Histórico da Cidade da Praia), envolve o largo que hoje se apresenta na forma circular e ocupa uma parte

da área conhecida pela denominação mais comum e mais antiga de Monteagarro. O edifício ostenta características correspondentes às obras que foram edificadas na época do Estado Novo, em Portugal. Representa, a par de outras obras arquitectónicas da mesma época e do mesmo local, o estilo arquitectónico conhecido como *Art Déco*, uma corrente estética que tem por matriz a predominância de arranjos geométricos, padronizados e geralmente, visíveis nos edifícios. Algumas das soluções decorativas valorizam a estética desta edificação e do largo que a envolve. Este possui, no seu centro, um mobiliário urbano na forma de arte pública decorativa. Esta obra artística é um monumento, aí implantado, para assinalar os quinhentos anos dos descobrimentos das ilhas de Cabo Verde, efeméride presente na inauguração do próprio edifício do liceu.

No texto “O liceu na imprensa e a imprensa do liceu”, **Maria Adriana Sousa Carvalho**, com a metodologia da análise de conteúdos, colectou notícias, artigos de opinião e anúncios sobre o liceu da Praia na imprensa da época (2ª metade do século XX). *O Cabo Verde, Boletim de Propaganda e Informação*, que versava temáticas diversificadas (agricultura, geologia, obras públicas, vulcanologia, saúde, vida cultural e cívica, literatura, história, etnografia e arte) dedicou espaço considerável ao ensino e à educação. Deu destaque especial à instalação da Secção do Liceu Gil Eanes na Praia (1955) e aos primeiros anos de vida do liceu na capital (1960 – 1963). O quotidiano do liceu da Praia (1962 a 1974) foi objecto de notícias regulares no jornal *O Arquipélago*. Nas páginas do periódico podemos reconstituir a vida do Liceu Adriano Moreira: professores, celebrações, saraus culturais, festas e bailes, a presença da igreja e do poder político, actividades desportivas, os melhores alunos, os exames, a Mocidade Portuguesa, entre outras. A autora apresenta, ainda, a imprensa do liceu, que publicou o jornal académico, “Mais Além...” e a revista “Estudos Psicopedagógicos”.

Em “Equipamentos e materiais didácticos: um legado a preservar”, **Maria Adriana Sousa Carvalho** demonstra a complementaridade entre o saber teórico/livresco e as práticas laboratoriais na época. As salas com funções para as práticas laboratoriais eram bem equipadas e arrumadas e a biblioteca, na sua função de auxiliar do ensino deveria promover a leitura domiciliária. Numa abordagem virada para o presente, considera-se que o conjunto de peças laboratoriais, ainda existentes no liceu, podem contribuir para a perdurabilidade da arte de ensinar e aprender, devendo ser preservados, porque conservam um assinalável valor patrimonial e museológico.

Ana Cristina Pires Ferreira e **Ana Maria Domingos** em “Testemunhos de antigos alunos: da memória individual à memória colectiva”, recolheram as lembranças e esquecimentos de experiências passadas no liceu da Praia. As fontes orais reconstroem a vida académica e os eventos são lembrados à luz da experiência do presente. De modo geral, os testemunhos apontam para uma visão agradável e algo idílica do Liceu. A memória colectiva foi marcada ainda pela existência, antes de 25 de Abril

de 1974, de um clima controlado no Liceu. Este foi também recordado por um lado, como uma importante referência de qualidade educativa, de organização institucional e de dinâmica cultural e desportiva. Por outro lado, foi um espaço de movimento estudantil em prol da independência.

O livro fecha com uma reflexão sobre “O liceu da Praia e o nascimento improvável de uma nação africana”, da autoria de **José Carlos dos Anjos**. Sob a gramática de contraposições entre africanidades e europeidades, o autor analisa uma conjuntura, no caso concreto, centrada nas décadas de 60 e 70, em que uma intelectualidade cabo-verdiana emergente investe na africanidade como sentido, destino e desejo, mais do que como interesse de classe. O liceu é visto por José Carlos dos Anjos como uma esfera pública literária no arquipélago, onde circulou o discurso poético que visava um círculo restrito de leitores: cabo-verdianos, portanto alfabetizados falantes do crioulo. Neste círculo (consustancias no auditório do liceu) emerge “um poema diferente [...] para o povo das ilhas”. O autor conclui que “na superfície incorporal do que é declamado e que logo depois se desvanece que insiste e subsiste o sentido do acontecimento: independência nacional como país africano”.

O texto está ordenado numa lógica passado-presente. A capa do livro, da autoria de **Ana Sousa**, que também foi aluna do liceu, pretende agarrar o modo como o tempo ido capturado numa moldura de azulejos se insinua no presente, fugazmente percebido pelo olhar de um aluno de hoje, de amanhã.

Lourenço Gomes

Maria Adriana Sousa Carvalho